

Krause diz que Eco-92 não saiu do papel

13/3/97, 18
CB
10

Ministro do Meio Ambiente critica países que não cumpriram Agenda 21. Mas acha que cresceu consciência ecológica da população

Rio — O clima solene existente na Conferência Rio-92 não foi suficiente para que os objetivos definidos pelos conferencistas fossem atingidos em sua plenitude. O próprio ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, admitiu que existe “um abismo muito grande” entre as metas prometidas na Conferência Rio-92 e as realmente cumpridas pelos países que participaram do evento.

Krause, que abriu o último dia do seminário Agenda 21-Brasil, acha que a Rio+5, conferência que analisará o cumprimento das propostas da Agenda 21 — documento elaborado ao final da Rio-92 —, tem de ser “muito severa” ao analisar a quantidade de projetos concretizados.

Durante a abertura, foram apresentados os melhores projetos ambientais desenvolvidos no país nos últimos cinco anos. O ministro evitou apresentar exemplos de compromissos não cumpridos. “Não adianta ficarmos culpando uns aos outros”, argumentou.

Apesar de admitir que, em termos de quantidade, muito deixou de ser cumprido, Krause afirmou que houve progresso “do ponto de vista qualitativo”, com o aumento do nível de conscientiza-

ção ecológica da população.

O ministro voltou a defender a parceria do governo com a sociedade para a solução de problemas ecológicos. Para ele, a parceria faz com que o Ministério do Meio Ambiente não sofra com cortes em seu orçamento.

ESCASSEZ

O ministro reconheceu que o ministério tem pouca verba. “Em uma situação de plano de estabilização, os recursos irão continuar escassos por muito tempo”, afirmou. Mesmo assim, lembrou que, em 1996, o ministério deixou de gastar 5% do seu orçamento, graças às políticas de parceria.

No último dia do seminário, o ministro lançou a publicação *Desenvolvimento Sustentável — 100 Experiências Brasileiras*, com a coletânea dos melhores projetos ambientais executados no Brasil desde 1992. Os 100 projetos envolveram a aplicação de US\$ 1 bilhão.

SERVIÇO

Até junho, o Ministério do Meio Ambiente planeja lançar um CD-ROM com a compilação e cadastrar continuamente novos programas ambientais na Internet, no endereço

<http://www.mma.gov.br/port/SE/agenda21/index.html>

Quadro é de pessimismo

Rio — A avaliação feita pelo canadense Maurice Strong, ex-secretário-geral da Rio-92, sobre o evento também foi negativa. Ele entende que, cinco anos depois, o planeta continua no caminho do desenvolvimento não sustentável e os avanços obtidos por setores da sociedade não foram suficientes para deter o ritmo da degradação ambiental.

“O crescimento explorado pelo mundo desenvolvido pode até satisfazer aos que estão contribuindo, mas os ganhos estão sendo realizados a um custo muito alto do ponto de vista econômico e social”, alertou.

Maurice Strong abre hoje, no Hotel Sheraton, na Zona Sul do Rio, a Rio+5, o fórum convocado por organizações não-governamentais para fazer um balanço sobre o que mudou no mundo após a Rio-92. Para o canadense, a conferência gerou iniciativas, mas não deteu as desigualdades entre países ricos e pobres.

Strong, no entanto, disse que várias iniciativas autorizam dizer que a Agenda 21 não está parada. O canadense destacou a criação de mais de 100 conselhos de desenvolvi-

mento sustentável, a adoção das metas da Agenda 21 por mais de 1.600 cidades e as ações tomadas por setores industriais.

CRESCIMENTO

Apesar dos pontos positivos, Strong afirma que o planeta “continua no caminho do desenvolvimento não sustentável”. Segundo ele, o ritmo de crescimento está tornando as cidades desenvolvidas nas mais poluídas do mundo.

Mas ele foi cauteloso ao avaliar a participação brasileira na Agenda 21. “Não tenho dados suficientes”, respondeu. “Mas posso dizer que a economia do Brasil é não sustentável”.

O ex-secretário-geral da Rio-92 criticou também o desequilíbrio provocado pelos mecanismos de financiamento da economia mundial. Segundo ele, os investimentos continuam a ser feitos — na área privada; aumentaram de 5% a 6% — mas não há qualquer sinal de que isso ocorre em benefício dos países pobres. Strong alertou que o aumento do fosso social entre os que se beneficiam e os que não se beneficiam com o desenvolvimento servirá de base para “vários conflitos”.